

# ENTREVISTANDO O RETRATO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Bem sei que não é a mesma coisa; mas quem não dispõe do autor em carne e osso, ao alcance da indiscrição que hoje se tornou costume, tem de contentar-se com os sinais que dele ficaram na pele do mundo. Lembra-me aqui o termo "infravalência", que os filósofos forjaram para marcar a essencial inferioridade do sinal em relação à coisa significada, e que, no modo de dizer deles, exprime a distancia metafísica que existe entre o beijo na flor murcha ou no pedaço de fita descorada, e o beijo na boca da mulher amada. O sinal é menor do que a coisa; o retrato é infinitamente menor do que o homem. Por essas e outras, não é julgada boa norma de crítica literária essa de botar um retrato em pé, escorado nos livros do próprio retratado, e ficar olhando para ele à espera de uma revelação. Onde porém achamos que a crítica racional e nutrida de dados deixou tamanha lacuna, justifica-se o emprego de recursos extraordinários. Quem não tem o santo vai às reliquias. Vamos pois ao retrato.

A primeira coisa que noto é que o homem não é tão mulato como se diz. Longe da carapinha, que não sei onde a foi buscar D. Lúcia Miguel Pereira, vejo um cabelo bonito, apenas ondeado, a enquadrar uma fronte cheia de nobreza. Já nos lábios e no nariz são mais fortes os indícios da mescla de raças. Mas o que prende a atenção, no primeiro exame, é a expressão geral que ilumina todo o semblante com um discretíssimo sorriso. Diz-me a fotografia que ali tenho um homem superiormente inteligente e superiormente bom. Asseverava-me aquele riso difuso e manso que Nabuco tinha razão de falar em beatitude, embora pudesse estar errado no que escrevia do cultivo da vesícula de fel. Mas sobretudo o que vejo no conjunto do retrato, que um amigo em boa hora me enviou, é um ar de grandeza que se impõe, de nobreza que obriga ao respeito, e até, sem receio de demasia, ousa dizer um ar de majestade. Eis aí o que explica o título de Papa que lhe deu Nabuco, e a veneratione que muitos lhe testemunharam. Como estamos longe do mestiço inferiorizado! Aliás, nessa questão de raça, tenho para mim que o melhor é não lhe dar atenção. Coisa que interessa os etnógrafos e os geneticistas, não devia merecer menção fora do domínio das especialidades. Se eu fosse preto, verde ou azul, trataria de esquecer e de me abster de tomar parte em campanhas contra o preconceito da raça. Se o preto defende os pretos pelo fato de serem pretos, fica ainda mais preto. A cor da pele se reforça com a dá causa. Mas se defende o fraco injustamente perseguido, o funcionário injustamente despedido, ou ainda mais injustamente nomeado, então a pele fica no esquecimento, porque a justiça é incolor.

A fisionomia de Machado de Assis não sugere a idéia de um mulato humilhado, e muito menos a de um mulato triunfante. Sobesse especial ponto-de-vista não sugere nada; nem estaríamos aqui a perder tempo em tais pormenores se outros não tivessem trazido a pele do homem para explicação da obra.

Até aqui não aprendi nada além do que já sabia. O retrato não

fala; não comunica; não explica; não discorre. A's perguntas ue faço responde com a imobildade que o hiposulfito fixou: O sinal é infravalente. O sinal humano não tem a divina capacidade de operar o que significa... E com estas melancólicas cogitações ja eu pendurá-lo de novo na parede quando, de repente, julguei perceber uma fálscia de mensagem que me vinha do olho esquerdo da figura. Tentei decifrar o aviso tenue: ele extinguiu-se. Volvi a atenção para o outro, o olho direito; e depois como quem procura captar uma estrela de sexta grandeza, voltei ao esquerdo. Lá estava a estrela! Após algum exercício, aplicado ora num ora noutro, comecei a entender os discursos diferentes dos olhos que me falavam. O direito, mais grave, de palpebra mais pesada, é o que olha de modo direto e próximo; o outro, mais leve, com uma palheta de ouro perdida no fundo — fálscia de riso ou cristal de lágrima que lá dentro secou — é o que por cima de mim, num extrabismo de delírio, procura ao longe a coisa peregrina que faz rir ou chorar.

— Ela! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te E' a mesma coisa...

— Eu sou o olho da Academia e do respeito, disse-me então, com voz grave e bondosa, o olho direito. Sou o olho dos ministérios e das condecorações. Vejo perto, vejo xeato. Não tenho o hábito de entrar nas almas sem bater, e quando a alma é de um confrade não costumo passar da sala de visitas. Aceito os aparelhos do século como os encontrei. Acato-os; respeito-os. E sou eu que dito ao Homem as atitudes e gestos que deve ter como presidente da Academia e como Cavaleiro da Ordem da Rosa. Por mim Ele vê que as instituições que o mundo erigiu são veneráveis porque vêem umas do fundo da história, e outras, de mais fundo ainda, da natureza das coisas. Foi por mim que Ele se orientou, na carreira e no mundo, e está provado que fez bem em seguir meus conselhos...

— Eu sou o olho do extravio e da travessura, disse o outro. Nós passeios vadios descubro coisas escondidas sob as coisas patentes; dou-lhas, a Ele, quando estamos sós em laranjeiras. Divertimo-nos juntos com os disparates que trago, mas também, guma vez, juntos choramos, quando a força da bisbilhotice nos mostra o punhado de cinza a que tudo se reduz. Vaidade das vaidades e perseguição do vento! Sou a janela da sandice, por onde ele escapa, quando estamos sós, e por onde sai a buscar o sereno intimo das coisas da criação, para imitar com nossa loucura a loucura infinita do Criador. Sou a luz das transfigurações. Quando por mim se guia meu dono, sua substancia fica mais leve, mais fina, mais pronta, e atravessa as paredes como os anjos. Sou às vezes frio e cortante. Seco lágrimas em fálscas de riso, e dou-lhe o sal dessa transmutação para Ele o por nos livros que escreve desde que me segue. Olho da visão desolada e divertida, que ultrapassa o visível, sou guia de cambalhotas e piloto de delírios.

— Mas isto que me contam, interrompi eu, equivale a um tre-

mendo astigmatismo. Como pode o pobre homem equilibrar-se com tão disparatados conselheiros?

— Não diga isso! exclamaram ambos. Nele nós nos integramos muito bem. Assim como há um tempo para tudo, segundo reza nosso livro predileto, há também um olho para cada coisa: um olho para as leis e as necessidades e outro para o fortuito para o contingente; um olho para ver o que as coisas são e outro para averiguar o que não chegam a ser; um olho para a ordem da vida e outro para o desconcerto do mundo; um olho para a seriedade das regras e outro para o que as mesmas regras escondem de infinitamente divertido; um olho para a Academia e outro para Quincas Borba.

— A questão é que não parece fácil juntar duas coisas tão diferentes. Os críticos tem dito, do Autor que ambos vocês dirigem, que é cético, inafetivo e amoral.

— Ambos sorriam, o esquerdo mais do que o direito, e explicaram:

— A moral, á como agora, cá deste lado, a entendemos, é bem diversa da que imaginam os críticos. Só é completa quando realisa bem a composição de sinez e loucura.

— Eu lhe explico melhor, disse o olho direito com voz pausada.

Nós nos completamos. Onde lhe parece haver contradição veja a complementação. Suponha o senhor...

— Por favor, Mestre, não me trate com cerimônias!

— No meu tempo, amigo, nós íamos mais devagar nas familiaridades. Em todo o caso, se prefere, suponha você que um de nós vê como todo o mundo e o outro como o raio X...

— Não gosto da imagem, irmão, atalhou o esquerdo. E' de outra espécie a penetração e de outro estilo a complementação.

— Esperem, ininterrompido animado por súbita curiosidade. Há pouco vocês disseram que há olho para cada coisa. Diga-me com que olho amou Ele a sua Carolina.

— Com ambos.

E depois de um silêncio emocionado o direito explicou:

— Não há grande amor sem muita seriedade...

— E sem muita loucura!

— Começando a compreender a estranha e completa variedade, mais hiperbólica do que a dos físicos, usei uma impertinência.

— E o ódio?

O retrato se perturbou ligeiramente. Se fosse colorido teria visto um rubor na fronte larga; não sendo, vi só a sombra de um sorriso constangido. Advinhei.

— Por nenhum de vocês Ele odiou.

— E' o senhor quem o diz... murmuraram.

— E a tal história da inafetividade, dos maus bofes?

— Ora, boatos, meu amigo, boatos...

Para mudar o rumo da conversa, e colher uma prodigiosa oportunidade que faria a posteridade rorer-se de inveja, tive a idéia de consultar aquele espelho mágico para um conselho pessoal.

— Digam-me por favor como é que vocês me veem e que conselho me dão.

O olho direito piscou duas ou três vezes, com sinais de embarço, enquanto o esquerdo, disparado num tiro parabólico e parecendo ter visto alguma coisa acima ou atrás de mim, brilhava com malícia.

— Bem, começou o direito, posso assegurar-lhe, por mim, que Ele o vê com certa benevolencia, embora preferisse — como dizer? — menos dispersão... menos pluralidade para maior aplicação. Um homem deve fazer uma coisa só para fazê-la menos mal. O senhor dirá que é solicitado, que é compelido. A desculpa é boa no seu século; receio entretanto que haja alguma complacência de sua parte nessa disseminação; mas não juro... digo só o que me parece, e se quer um exame de fundo de olho pergunte aí ao irmão, que a par de ser mais agudo é também mais indiscreto.

Voltei-me ansioso para o esquerdo que ainda conservava acesa a mesma malícia. Começou ele a falar-me!

— Se queres ser perfeito, solta o doido...

Nesse momento abriu-se a porta da sala e alguém da familia exclamou:

— Ué! o que é que você está aí fazendo debruçado sobre o retrato de Machado de Assis?

— Nadá... isto é, estava observando um detalhe curioso...

Quando a pessoa saiu, depois de avisar que a sopa estava esfriando, voltei angustiado ao retrato. A figura estava na imobildade fixada pelo hiposulfito, e no fundo do olho esquerdo se apagara a es-

ela.